

RESENHA*

CROSSAN, John Dominic & REED, Jonathan L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos.* Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007, 325 pp. ISBN 9788535620139.

Ainda hoje há quem vincule o trabalho arqueológico ao de análise de um texto, como se a Arqueologia servisse, exclusivamente, para “comprovar”, “elucidar” ou “preencher lacunas” do documento escrito. Assim a disciplina era entendida quando de seu surgimento, como auxiliar da História. No entanto, tal visão foi muito combatida e ainda o é nos dias de hoje, por correntes teóricas como a Arqueologia Processual e a Arqueologia Pós-processual, que propõem uma relação de interdisciplinaridade entre a Arqueologia, a História, as Ciências Sociais e até mesmo a Biologia, a Química, entre outras. A obra de Crossan e Reed, publicada originalmente sob o título de *Excavating Jesus: beneath the Stones, behind the texts*, procurou desde sua concepção relacionar Arqueologia e exegese da Bíblia. Crossan é um teólogo especialista nas pesquisas sobre o Jesus histórico e Reed um arqueólogo estudioso do primeiro século do Cristianismo. Juntos, propõem apresentar as pesquisas arqueológicas mais recentes sobre o período de Jesus, aliadas a fontes bíblicas, em especial os Evangelhos,

* Resenha feita em Gabriella Barbosa Rodrigues Graduanda em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

mas também a outros documentos, como os escritos de Flávio Josefo, Orígenes, Filon buscando, por meio da Arqueologia “reconstruir seu mundo” e da exegese “reconstruir sua vida”.

Já na introdução, os autores elencam dez descobertas arqueológicas e dez exegéticas sobre Jesus de Nazaré que consideram as mais importantes. Dentre elas, apresentam algumas bastante polêmicas, como ossuários com o nome Jesus (Yeshua ou suas variações Yeshu e Yehoshua) ou evangelhos apócrifos e também a Fonte Q, considerada pelos autores como um Evangelho de fato, o qual ao lado do Evangelho de Marcos teria servido de fonte aos textos de Mateus e Lucas.

Temas como *autenticidade*, *integridade* das fontes e dos pesquisadores, “mercado negro” são discutidos ao longo dos capítulos. Os autores chamam atenção para o “caráter rigorosamente histórico” da Arqueologia (p. 42), que evidenciaria o aspecto político da disciplina. Entretanto, o fato de os autores concordarem que, numa pesquisa de campo, “só é encontrado aquilo que o arqueólogo *quer* encontrar”, não os impede de criticar certas perguntas que arqueólogos bíblicos fazem a um sítio. Por exemplo, se a escavação prova que a Bíblia é verdadeira ou falsa, ou se determinado artefato condiz com a narrativa bíblica seriam “pontos de vista conceitualmente imaturos e sensacionalmente anunciados pertencentes à primeira metade do século vinte que não fazem mais sentido nos diálogos arqueológicos sérios” (p. 46).

Nos capítulos seguintes os autores, variando entre “camadas” arqueológicas e textuais, apresentam algumas cidades da época de Jesus, enfatizando sua arquitetura, seu funcionamento político, seus costumes. Apresentam imagens, inclusive em cores, das cidades e plantas de construções feitas por com-

putador a partir de trabalhos de campo, opondo, por exemplo, Nazaré às cidades herodianas, construídas aos moldes romanos, como Cesaréia Marítima ou Séforis e Tiberíades, obras de Herodes Antipas. Do mesmo modo em que apresentam a construção do reino de Herodes, que chamam “reino comercial”, expõem, por meio de documentos textuais, uma concepção de reino baseado na “aliança com Deus”. Nesse momento, tratam de temas como *conversão*, *extermínio*, *escatologia*, em especial do ponto de vista teológico, mas relacionando-os principalmente à resistência judaica ao “domínio romano”.

Como fazem em outros textos seus, Crossan e Reed, ao comentar a história do julgamento e da crucificação de Jesus, problematizam o surgimento do anti-semitismo cristão. Quase como combatentes do anti-semitismo, usam a figura da *multidão* para desconstruir a idéia de que os judeus tenham condenado Jesus e ainda enfatizam o perigo político de representações da “Paixão de Cristo”, que, apesar de se apresentarem como uma leitura “objetiva”, “literal” e por isso “imparcial”, quase inevitavelmente, incentivam um anti-judaísmo cristão e um “anti-semitismo racial”.

Esse livro faz parte da coleção *Bíblia e Arqueologia*, uma proposta ainda inovadora no Brasil, mas que está conquistando seu espaço também entre os leitores brasileiros. E nesse sentido, permite a um público amplo e não necessariamente especializado o acesso a texto e cultura material, aliando exegese bíblica e Arqueologia bíblica.